

**O OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO E AS QUESTÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA ESCOLAR - CONFRONTO ENTRE MENINAS<sup>1</sup>**

THE OBSERVATORY OF EDUCATION AND GENDER ISSUES AND SCHOOL VIOLENCE - CONFRONTATION BETWEEN GIRLS

Nelson Vieira Torres<sup>2</sup>  
Elson Luiz de Araújo<sup>3</sup>

**Resumo**

A violência na atualidade tem preocupado a sociedade na medida em que se torna mais corriqueira e presente nos diversos espaços sociais. Os estudantes estão ao mesmo tempo sendo agressores e vítimas, envolvidos num universo de coação, provocação, xingamentos e de agressão física. Este artigo, a partir dos estudos desenvolvidos no âmbito do Observatório da Educação (OBEDUC) e do Observatório da Violência nas Escolas, tem como recorte na questão de gênero, mais especificamente, analisando o caso das meninas que vem se envolvendo em episódios violentos de ameaças e em “vias de fato”, ora divulgados pela mídia. Nesse sentido, como podemos compreender este fenômeno? Existe algum fato novo a ser considerado? Qual é a responsabilidade da sociedade, da família e da escola nesta questão? Qual o papel da mídia na divulgação dos fatos? Este estudo busca analisar e compreender a ocorrência desta violência no sentido de entender as causas do aumento da violência entre as meninas no ambiente escolar. Identificamos neste estudo a necessidade de investigações sobre a temática da violência escolar entre as meninas que possam orientar as ações no sentido de minimização do problema.

**Palavras-chave:** Educação. Violência escolar. Gênero.

**Abstract**

Violence today has worried society to the extent that it becomes more commonplace and at the various social spaces. Students are at the same time being aggressors and victims involved in a universe of coercion, provocation, insults and physical aggression. This article, from the studies undertaken within the Centre for Education (OBEDUC) and the Observatory of Violence in Schools has as parts of the gender issue, more specifically, analyzing the case of girls coming engaging in violent episodes of threats and "blows", well publicized by the media. In this regard, how can we understand this phenomenon? Is there any new fact to be considered? What is the

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte integrante da pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, no âmbito do Observatório da Educação (OBEDUC/CAPES).

<sup>2</sup> Professor da Rede Pública Estadual de Ensino, Especialista no Ensino da Educação Física e mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Paranaíba. Membro Observatório da Educação (OBEDUC/CAPES). E-mail: nvttorres@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela UNICAMP, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba. Coordenador do Grupo de Estudos, Pesquisa e Práxis Educacional (GEPPE), Coordenador Institucional do Observatório da Educação (OBEDUC/CAPES). E-mail: elsonla@gmail.com

responsibility of society, the family and the school in this matter? What is the role of the media in disseminating the facts? This study seeks to analyze and understand the occurrence of violence in order to comprehend the causes of increasing violence among girls in the school environment. This study identified the need for research on the topic of school violence among girls which can guide the actions to minimize the problem.

**Keywords:** Education. School violence. Gender.

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida no âmbito do Observatório da Educação<sup>4</sup> (OBEDUC) denominada “Observatório da Violência nas Escolas: cotidiano escolar – entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio” visa minimizar a violência e a indisciplina escolar e implementar a melhoria na qualidade do ensino e aprendizagem dos alunos da Educação Básica. Esse projeto reúne um grupo de pesquisadores constituídos por alunos, professores, coordenadores pedagógicos da educação básica, graduação e pós-graduação em educação interessados em estudar a ocorrência da indisciplina e o fenômeno da violência na escola. A partir dos estudos, surgiu o interesse em pesquisar as ocorrências relacionadas ao confronto entre as meninas no ambiente escolar. As agressões físicas entre os alunos divulgadas pela mídia têm preocupado os professores e as pessoas que compõem a sociedade civil, pois trata-se de uma realidade cada vez mais próxima, deixando de ser um acontecimento televisivo distante da realidade para se tornar algo real, próximo e imprevisível. Os episódios de agressão física têm evidenciado a participação das meninas com maior frequência e, em alguns casos, superando aqueles que envolvem os meninos. As falas, as ameaças, os xingamentos antecedem o confronto corporal e, até mesmo estas preliminares deixam de existir em algumas situações, em que as protagonistas partem para a agressão de forma inesperada, desferindo socos, chutes, arranhões e puxões de cabelo.

Abramoway e Werthein (2009) afirmam que “[...] há depoimentos que atestam o fato de atualmente as adolescentes estarem cada vez mais se aproximando da maneira masculina de

---

<sup>4</sup> Programa criado pelo Decreto Presidencial nº 5.803/2006, uma parceria entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) objetiva propiciar a articulação entre a pós-graduação, licenciaturas e escolas de educação básica, com melhorias na qualidade do ensino e formativa dos alunos.

agredir”. Percebe-se, então, uma descaracterização daquilo que é próprio do universo feminino em relação à agressividade, ou seja, a sua manifestação por meio de gestos e movimentos que caracterizavam a briga entre elas, cedendo lugar aos meios utilizados pelos meninos.

A crescente participação das meninas em atos de violência física, microviolência e violência simbólica no ambiente escolar tem demonstrado que este tipo de comportamento, antes considerado quase que exclusivamente masculino, tem seu deslocamento para o universo feminino, contestando, assim, os estereótipos de gênero comumente atribuídos a elas como: delicadas, românticas, frágeis, vítimas, etc. (NEVES, 2010).

Características como impulsividade, baixa autoestima, família, meio escolar, contexto socioeconômico e a comunidade onde reside são considerados fatores que interferem e influenciam no comportamento, que podem levar a ações agressivas e à delinquência. No caso das meninas, as motivações neste sentido podem estar relacionadas a comportamentos como a inveja, ciúmes, fofocas, disputas por namorados, etc.

## 2 VIOLÊNCIA E ESCOLA

Ao estudar a ocorrência da violência no espaço escolar, torna-se importante conhecer como os autores conceituam o termo. Abramoway e Rua (2002, p. 49-50) conceituam como:

1. A violência contra a pessoa, que pode ser expressa verbal ou fisicamente e que pode tomar a forma de ameaças, brigas, violência sexual, coerção mediante o uso de armas;
2. A violência contra a propriedade, que se traduzem em furtos, roubos e assaltos;
3. A violência contra o patrimônio, que resulta em vandalismo e depredação das instalações escolares.

Ainda segundo essas autoras, muitos jovens são vítimas ou agentes da violência, e mesmo aqueles não envolvidos diretamente com fatos violentos relataram inúmeros casos dos quais tomaram conhecimento ou presenciaram no espaço escolar.

Ruotti; Alves e Cubas (2006, p. 55) afirmam que “a violência escolar constitui-se como um problema contemporâneo, que vem afetando os processos educativos e colocando em questão a própria estrutura da instituição escolar, suas práticas e relações”. Portanto, como a escola e demais instituições sociais e governamentais não tem conseguido minimizar a ocorrência da violência, há uma exacerbação no meio social e também em espaços restritos como a escola. O que proporciona uma sensação de insegurança, fazendo com que o espaço escolar não seja mais

considerado um ambiente seguro. Reafirmado por Debarbiéux (2002, p. 11), ao mencionar que “a escola, um ambiente social antes considerado seguro, deixou de ter essa característica, não só no Brasil, mas em numerosos países do mundo”.

Ruotti, Alves e Cubas (2006, p. 25) argumentam que “[...] do ponto de vista histórico, o problema da violência escolar não é recente, mas o que pode ser considerado novo são as formas pelas quais essa violência se manifesta [...]”.

Para os autores, o conceito de violência escolar pode ser classificado em:

- a. **Violência:** golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- b. **Incivilidades:** humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- c. **Violência simbólica ou institucional:** compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos, o ensino como um desprazer.

Segundo Rocha (apud LIMA, 2010), a manifestação da violência sempre está relacionada e dependente de outros fatores, sofrendo influência dos outros tipos de violências presentes na sociedade e que estas acabam sendo levadas para o interior da escola pelos próprios alunos.

### 3 JUVENTUDE E VIOLÊNCIA

O envolvimento dos jovens com a violência tem sido evidenciado na sociedade em seus diversos espaços, como na rua, nas manifestações públicas, na escola, na família, no lazer, no esporte. Segundo Abramoway (2007, p. 3), “[...] a juventude catalisa as tensões sociais como também as exterioriza, tornando-se vitrine de conflitos sociais”, neste sentido, os jovens passam a protagonistas e vítimas da violência.

Fachinetto (2010 p. 70) salienta que os jovens estão expostos a vários tipos de vulnerabilidades, sendo necessário abordá-las nas questões socioeconômicas e “[...] no que diz respeito aos que são vítimas de violência quanto àqueles que cometem atos violentos, pois a violação de direitos ocorre nos dois casos”.

Portanto, minimizar a vulnerabilidade dos jovens em relação à violência passa pela plena garantia de seus direitos como ter sua própria identidade, expressar opiniões, ter acesso à informação, participação nas decisões e regras que organizam o espaço escolar e a sociedade.

Dayrrel salienta que uma parcela da juventude brasileira, que frequenta as escolas de periferia das grandes cidades são vítimas de um contexto de desigualdade social, seja em seus

aspectos socioeconômicos quanto de infraestrutura oferecida pelo Estado às regiões periféricas. No entanto, nos exorta a pensar que “[...] mesmo se tratando de uma realidade específica, não significa que as questões e desafios com os quais estes jovens se debatem não espelhem de alguma maneira aqueles vivenciados por jovens de outros grupos sociais”. (DAYRREL. 2007, p. 1121).

Portanto, a realidade específica vivenciada por estes grupos pertencentes às classes populares e menos favorecidas economicamente, podem trazer contribuições para a compreensão das relações entre juventude e escola nos diversos contextos sociais.

Em relação à juventude, vale salientar suas práticas culturais, suas características e influências, sejam elas externas ou internas. A diversidade de estilos culturais que estão presentes na sociedade e a partir dos quais os jovens procuram se autoafirmar não são homogêneos, e os sentimentos de intolerância podem ser fator de geração de violência. Porém, outros tipos de manifestações destes grupos podem ser orientados para a fruição saudável do tempo livre, ou para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias. (DAYRREL, 2007).

Na busca por visibilidade, aceitação e pertencimento nos vários grupos, os jovens, hoje, buscam a possibilidade de se destacar. No entanto, esta busca, às vezes, leva a situações em que os mesmos acabam se envolvendo em gangues ou são aliciados por traficantes. Estes jovens, estão, passam a ser parte integrante destes grupos, que têm como característica a exploração do trabalho juvenil e a prática da violência.

#### **4 MENINAS E VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Há pouco tempo, ao nos depararmos com aglomerações de alunos na porta das escolas, não era difícil prever o que estava acontecendo naquele momento. Com certeza estava ocorrendo agressões verbais ou físicas por parte dos alunos e esta era composta de espectadores que assistiam, às vezes, com o mesmo entusiasmo com que se assiste a um espetáculo. No entanto, nestes eventos de agressões entre dois ou mais oponentes, era comum a participação dos meninos, que por diversas motivações, estavam a se debater naquele local. Geralmente havia provocações e uma combinação prévia no interior da escola, onde as ameaças se consolidavam no horário da saída. Raramente acontecia o envolvimento de meninas, principalmente em agressão física. O que às vezes acontecia em relação às meninas, eram as ofensas, os

xingamentos e as tentativas de humilhação. O discurso dominante era o que somente situava a menina na categoria de vítima, e não o de autoria.

Esta realidade sofreu alterações, e a presença de meninas em agressões físicas tem aumentado drasticamente. Em geral, o procedimento de combinar o confronto na saída se dá dentro da escola, mesmo que o fato motivador não tenha acontecido necessariamente no interior da mesma. Este tipo de procedimento também é comum entre os meninos.

Outra configuração que se dá a estes momentos de agressividade e violência se refere à filmagem utilizando o celular para posteriormente publicar nas redes sociais e, geralmente, estas imagens acabam indo parar nos jornais ou nos telejornais de alguma rede de TV, fazendo com que alguns até se sintam como “celebridades”.

Entretanto, é possível questionar sobre o que tem motivado essa agressividade das meninas. Neves, (2008, p. 140-141), explica que:

A ação agressiva das meninas é resistência às estruturas das relações de gênero porque em primeiro lugar, retira-as da passividade comumente esperada para qual são educadas [...] e aceita o uso da violência em momentos que não os já referidos [...] isto é a, a violência deixa de ser algo natural dos “rapazes”, para ser algo também compartilhado pelas meninas, recurso natural para restaurar a ordem, restaurar a privacidade ou para tornar-se visível.

Neves (2008, p. 141) salienta que essa atitude também está relacionada à reprodução de um estereótipo masculino, tendo a violência como a melhor forma de resolver conflitos.

Ao agirem de maneira individual, perdem não só a percepção de que enfrentam as mesmas opressões, mas também a possibilidade de pensar e repensar sua prática e acabam por reproduzir o estereótipo masculino socialmente mais divulgado como a melhor forma de se resolver os conflitos: o uso da força.

A violência hoje praticada pelas meninas segue os mesmos padrões daquelas vividas pelos meninos no passado. As motivações podem ser disputas por namorados, fofocas, ou, simplesmente, a necessidade de visibilidade dentro da comunidade estudantil ou do grupo do qual faz parte.

Outro contexto a ser analisado é o das gangues. As meninas também se utilizam desta forma de agrupamento como contestação e até negação em relação à fragilidade e docilidade atribuídas ao universo feminino. De acordo com Abramoway (2010, p. 51-52):

Um desses contextos é, sem dúvida, o das gangues, nos quais as brigas e demais agressões físicas se dão igualmente entre garotas, sendo as afrontas e as “guerras” extensíveis também para elas. Agredidas e agressoras.

As gangues, na disputa por espaço e poder dentro da periferia, acabam por levar estes conflitos para dentro do ambiente escolar, gerando situações de violência e incivilidades e a presença feminina atualmente também é observada nestes movimentos.

Segundo Abramoway (2010), fazer parte de gangue não é tarefa fácil para as meninas, pois, por se tratar de um ambiente masculino, a aceitação não se dá com naturalidade assim como os meninos. Existem gangues que simplesmente rejeitam a participação feminina, enquanto que outras, mesmo permitindo, limitam seus espaços de ascensão e liderança, tornando difícil a atuação e permanência.

O uso de drogas também pode ser considerado um fator relevante no envolvimento das jovens em atitudes violentas, pois a presença de usuários e até traficantes nas periferias envolvem a escola num contexto de constante tensão criada por estes agentes. Esta observação diz respeito às drogas ilícitas. Vale ressaltar aqui a influência das drogas “socialmente aceitas”, ou que não são ilegais, como a bebida alcoólica. Observa-se que o aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas entre os jovens tem sido divulgado amplamente em pesquisas e noticiários na mídia. A participação feminina tem sido destacada na veiculação destas informações e tem preocupado pais e educadores na medida em que estes podem apontar este tipo de comportamento como um dos fatores desencadeadores do aumento da violência entre as meninas.

## 5 GÊNERO E VIOLÊNCIA

Vamos analisar a questão de gênero como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres.

Nas relações de gênero, no ambiente escolar há sempre uma distinção entre o que é esperado do comportamento da menina e do menino. Geralmente espera-se da menina um comportamento dócil, recatado, gentil, delicado enquanto que dos meninos, comportamentos de agressividade, com maior liberdade de ação. São situações que, quando acontecem, a princípio não causam surpresa.

De acordo com Auad (2008, p. 144):

A agressividade dos meninos, por exemplo, pode ser a aprendizagem da competição da vida adulta, mas também pode fazer com que meninos e meninas aprendam já na infância que há um conjunto de comportamentos interditos para eles e para elas, a partir das representações sobre a agressividade aceita para os homens e a aceita para as mulheres.

Neste sentido, vimos que agressividade é um comportamento esperado da parte de indivíduos do sexo masculino. Abramoway (2010, p. 50) explica que:

Por vezes, essa associação da violência com a masculinidade apresenta-se tão arraigada nos discursos, práticas e subjetividades que acaba por alimentar um estereótipo de gênero no qual se tem a impressão de que são os homens, exclusivamente, os autores das violências.

Embora seja inegável o fato de que os meninos figuram ainda com maior expressão nos dados estatísticos das ocorrências de violência, por outro lado, esta predominância do sexo masculino em relação a esta questão vem sendo desconstruída em decorrência do aumento das ocorrências de agressões por parte das meninas. No entanto, seria um erro atribuir como “masculinas” as mulheres que se envolvem em eventos de agressividade, pois novos estilos de feminilidade estão sendo reinventados.

Segundo Abramoway (2010, p. 50):

A ligação entre violência e gênero é útil para indicar não apenas o envolvimento de mulheres e de homens como vítimas e autores (as), mas também o seu envolvimento como sujeitos que podem buscar firmar, mediante a violência, suas identidades masculinas ou femininas.

Neste sentido, a busca pela identidade torna-se necessidade tanto para meninas quanto para meninos que, diante da dinâmica da sociedade, disputam espaço de destaque nos grupos no qual estão inseridos.

Portanto, a utilização da violência, na tentativa de resolução de problemas, ou disputas por visibilidade, acaba revelando o caráter de reprodução do comportamento masculino. Reafirma-se, então, a hierarquia do gênero e “superioridade” masculina como a melhor forma de exigir reconhecimento nas relações entre os diversos grupos sociais.

A ampla divulgação da mídia sobre os atos violentos envolvendo jovens estudantes tem preocupado os pais e educadores não só pela frequência com que tem ocorrido, mas também

pelos requintes de brutalidade presente nas ações. As ocorrências de violência envolvendo adolescentes nos Estados Unidos<sup>5</sup>, em que o protagonista armado simplesmente invade a escola e promove uma verdadeira carnificina, são exemplos disso.

A realidade brasileira difere da realidade estadunidense, sendo que aqui, este tipo de ocorrência, que leva outros jovens à morte, é pouco frequente. No entanto, a nossa realidade não deixa de ser uma preocupação, pois em vários casos noticiados pela mídia, existe a presença de alunos portando armas, trazendo consequências graves relativas à lesão corporal e também homicídios.

O aumento destes acontecimentos tem produzido um grande número de matérias jornalísticas em torno da questão, e este aumento tem evidenciado a participação feminina<sup>6</sup>. Cabe, portanto, uma análise específica em torno da mídia e qual o seu interesse neste tipo de divulgação. O comportamento da mídia em torno da problemática tem levantado dúvidas quanto a seu papel. Será que há um empenho na divulgação no sentido de sensibilizar e conscientizar as pessoas na busca de soluções conjuntas, entre família, escola, poder público e que atendam às demandas sociais dos jovens para minimização do problema? Ou a divulgação dos fatos se caracteriza simplesmente em fazer sensacionalismo em torno da questão, aproveitando-se do momento em que, ao chocar os telespectadores, atraem a atenção e aumentam os seus índices de audiência?

Neste sentido Cruz (2008, p. 2) salienta que:

O papel da mídia vai muito além da cobertura e divulgação das notícias sobre segurança pública. Ela mobiliza as pessoas a pensar e agir sobre os fatos noticiados. Todavia, questiona-se qual deve ser o limite a que devem submeter-se os meios de comunicação diante do crime e da violência, para evitar enfoques que levem a espetacularização, desviando-se do objetivo principal do jornalismo, que é levar a informação voltada ao interesse público.

É imprescindível que os meios de comunicação assumam um papel ético e institucional diante da cobertura de temas relacionados à violência na escola, informando os cidadãos de forma responsável e sem sensacionalismo no sentido de promover o debate para que sociedade e

---

<sup>5</sup>TIROTEIO em escola nos Estados Unidos deixa três feridos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/12/tiroteio-em-escola-nos-estados-unidos-deixa-tres-feridos.html>> Acesso em: 12 dez. 2014.

<sup>6</sup> BRIGAS entre meninas nas escolas aumentam.. Cascavel -Gazeta do Paraná/Viviane Nonato. 27 de maio de 2012. Disponível em: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/22737/brigas-entre-meninas-nas-escolas-aumentam>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

instâncias governamentais atuem juntas na busca por alternativas que possam combater o problema da violência na escola.

## 6 JOVENS E FAMÍLIA

Um dos motivos pelo qual os jovens se envolvem em eventos relacionados à violência pode ser a falta de um bom relacionamento familiar. Em geral, atribui-se a culpa às famílias “desestruturadas” que não têm base afetiva satisfatória. Existe uma grande gama de famílias que não estão dentro dos padrões tradicionais de família, o que não consistiria em um problema. O problema está na falta do exercício das funções/papéis familiares. Porém, este entendimento que culpa a estrutura familiar pode estar equivocado, pois existem famílias nucleares desestruturadas e famílias não “tradicionais” em que há a presença do respeito e principalmente do diálogo. Pescarolo (2010) apresenta os vários arranjos ou modelos de família, nos dias de hoje:

1. Família tradicional: composta por um casal heterossexual e filhos, se houver, consangüíneos ou adotivos.
2. Família de crianças criadas por parentes (avo, tio, etc): quando os pais estão ausentes e os filhos são criados por parentes consangüíneos ou não.
3. Famílias monoparentais (divórcio morte, etc.): quando apenas um dos pais cuida dos filhos, seja por questões legais ou, abandono de lar ou até mesmo morte de um dos cônjuges.
3. Famílias homossexuais: casais homossexuais, femininos ou masculinos, com filhos (ou não) consangüíneos ou adotivos.
4. Família de casas lares: Famílias artificialmente (não consangüinidade entre os membros) criadas e institucionalizadas.

Reconhecer a falta de diálogo no relacionamento familiar como causa da violência entre os jovens é importante na medida em que oferece elementos de compreensão sobre os comportamentos inadequados e proporciona a reflexão no sentido de atuar preventivamente na busca por soluções.

Ao mesmo tempo em que a família é apresentada como culpada, é também na família que devemos procurar ajuda para a minimização do problema. Segundo Pescarolo (2013):

[...] embora a família tenha um peso bastante considerável na nossa formação, não necessariamente será a referência determinante. Podemos ter como maior referência em nossa vida um professor, uma religião ou até mesmo a família de um amigo, pois somos seres humanos multifacetados e nossa identidade se constrói através de uma série complexa de situações, como se fosse um quebra-cabeça.

Neste sentido a escola deve contribuir, pois, se a família é considerada uma das bases na formação dos jovens, sabemos que este papel ela já não consegue desempenhar isoladamente, e aí a escola contribui com o seu papel formativo escolarizado, pois os educadores, assim como os pais, podem ser modelos que organizam o caráter e o comportamento dos alunos.

Desta forma, a articulação entre família e escola deve acontecer dinamicamente, considerando os anseios, necessidades e demandas destes jovens frente aos estímulos e aos desafios impostos pela sociedade. É preciso uma intervenção conjunta fornecendo aos jovens modelos adequados ao desenvolvimento afetivo, intelectual e moral na prevenção e na luta contra o fenômeno da violência na escola.

## 7 CONCLUSÃO

Falar da violência escolar como sendo algo novo é, no mínimo um equívoco, pois a mesma se faz presente neste espaço há muito tempo. Novas são as configurações que vem acontecendo atualmente, a frequência e o envolvimento de sujeitos que até então pouco protagonizavam este tipo de ação, como é o caso das meninas.

Lidar com a questão da violência não é tarefa fácil, tanto para professores como para os pais e o conjunto da sociedade, porém estudos direcionados neste sentido têm permitido que pesquisadores apontem para as principais causas deste tipo de manifestação, podendo servir de referência na elaboração de ações educativas que busquem minimizar os casos de violência no ambiente escolar.

No entanto, ao tratar especificamente a partir das questões de gênero no intuito de identificar o aumento da participação das meninas, é preciso estudar os tipos de violência presentes atualmente na escola, as questões da juventude, o relacionamento familiar, o ambiente escolar e o papel da mídia na divulgação dos fatos. Não tem como tratar isoladamente a participação das meninas, sem antes analisar o contexto social e familiar no qual estão inseridas.

Neste trabalho, foi possível detectar a necessidade de um aporte maior de pesquisas que tratem da violência na escola praticada por meninas, no sentido de orientar as ações específicas, a partir da própria organização curricular, organizando os espaços, inter-relacionando família-comunidade-escola. Além de detectar as demandas sociais por parte destas jovens, cobrando ações do poder público na elaboração de políticas públicas que proporcionem espaços de

sociabilidade juvenil, com um ambiente democrático e maior participação juvenil em questões que envolvem a sociedade como um todo, que possam estabelecer um convívio sem discriminações de raça, credo ou classe social. Onde prevaleçam as relações interpessoais saudáveis, com espírito de tolerância, pluralismo e respeito às diferenças.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; WERTHEIN, J. Para além dos puxões de cabelo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1-2. 21 out. 2009. Disponível em: <[http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=124&Itemid;=.](http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=124&Itemid;=;)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

ABRAMOWAY, M. (Coord.). *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, 2006.

ABRAMOVAY, M. et al. *Gangues, Gênero e Juventudes: donas de Rocha e sujeitos cabulosos*. Brasília, DF: Kaco - Gráfica & Editora, 2010. 314 p. Secretaria de Direitos Humanos – SDH. Disponível em: <[http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro\\_gangues\\_sem\\_a\\_marca.pdf](http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_gangues_sem_a_marca.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2014.

ABRAMOWAY, M.; FEFFERMANN, M. Juventude e sociabilidade: vivendo uma cultura de violência 1: “Se ficar o Bicho Come, Se Correr...”. *Sociologia Ciência & Vida: Especial Ano 1*, São Paulo, 2007 p.46-55. Disponível em: <[http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=75&Itemid;=.](http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=75&Itemid;=;)>. Acesso em: 18 abr. 2014.

AUAD, D. Relações de gênero na sala de aula: atividades de fronteira e jogos de separação nas práticas escolares. *Revista Pro-posições*, Campinas, v. 17, n. 3, p.137-148, dez. 2006. Quadrimestral. Disponível em: <[http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/51\\_artigos\\_auadd.pdf](http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/51_artigos_auadd.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2014.

CRUZ, T. *A influência da mídia na percepção da violência*. Disponível em: <[http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos\\_2008b/tercia\\_cruz.pdf](http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos_2008b/tercia_cruz.pdf)>. Acesso em: 19 Abr. 2014.

DAYRREL, J. A Escola “faz” as suas juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.28, n. 100 – Especial p. 1105 -1128, out. 2007. Disponível em:<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 19 abr. 2014

NEVES, P. "É feio menina brigar": Gênero e violência na escola. *Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Universidade Federal de Santa Catarina. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em:

<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277834183\\_ARQUIVO\\_St37\\_PauloNev es\\_final.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277834183_ARQUIVO_St37_PauloNev es_final.pdf)> Acesso em: 20 abr. 2014

PESCAROLO, Joyce K. O lugar da família quando o tema é violência escolar. *Blogs>Educação e Mídia>Gazeta do Povo*. 2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/o-lugar-da-familia-quando-o-tema-e-violencia-escolar/> Acesso em: 17 abr. 2014

\_\_\_\_\_. *Relação Família e Escola*. 2010. Disponível em: <<http://www.naoviolenca.org.br/sobre-a-relacao-familia-escola.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

RUOTTI, C.; ALVES R.; CUBAS. V. *Violência na escola: um guia para pais e professores*. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.